



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14359 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

**A INFÂNCIA E UM CONVITE À POÉTICA DA IMAGINAÇÃO: O QUE PODE O GESTO DE “DESVER” OS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL?**

Vanessa Galindo Alves de Melo - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Thiago Gonçalves Silva - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

**A INFÂNCIA E UM CONVITE À POÉTICA DA IMAGINAÇÃO: O QUE PODE O GESTO DE “DESVER” OS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL?**

## RESUMO

As crianças e a infância nos deslocam com suas perguntas, seus saberes e seus dizeres potentes e nos convocam a pensar as miudezas que habitam os currículos da Educação Infantil a partir do gesto de desver o mundo, poeticamente experienciado pelo poeta Manoel de Barros no livro “Menino do Mato”. O presente texto objetiva pensar outros possíveis para os currículos da Educação Infantil a partir da poética da imaginação que habita as cenas e os gestos das crianças de um Centro Municipal de Educação Infantil- CMEI, localizado no agreste pernambucano. O percurso teórico-metodológico experienciado envolveu uma pesquisa com crianças, de duas turmas da Educação Infantil, envolvendo a inspiração cartográfica para a produção dos dados. Nesses deslocamentos fomos afetados pelos intercessores teóricos que nos provocaram a pensar encontros com a infância, os currículos, a poesia de Manoel de Barros e a potência dos dizeres infantis. Esses encontros revelam elementos disruptivos que abrem rasgões no cotidiano do CMEI e nos convocam a experimentar a invenção de currículos-outros que se abrem a alteridade da infância e ao acontecimento, potencializando outros possíveis imaginativos e criadores para a produção dos currículos na Educação Infantil.

Palavras-chave: Infância, Currículo, Educação Infantil.

## INTRODUÇÃO

A imaginação das crianças e da infância e suas artes de desvios e “desver” no

cotidiano de um Centro Municipal de Educação Infantil-CMEI, localizado no agreste pernambucano nos convidaram a pensar outros possíveis para as coisas, as pesquisas e os territórios curriculares durante uma pesquisa realizada no per(curso) do mestrado. Os gestos inventivos de 28 crianças, de duas turmas de Educação Infantil, nos atravessaram e transgrediram os ponteiros do relógio, comungando um encontro com as palavras crianceiras do poeta Manoel de Barros em seu livro *Menino do mato* (BARROS, 2015).

Esse encontro, especificamente tratado aqui, foi mobilizado com a pergunta: Quais os possíveis mobilizados pelos dizeres, fazeres e aprenderes das crianças e da infância para “desver” os currículos da Educação Infantil? Não intentávamos responder a essa questão, para não correr o risco de somente “significar” (BARROS, 2015, p. 13), mas, pensando com Manoel de Barros a partir da “traquinagem da imaginação” (BARROS, 2015, p. 13), das crianças e da infância, problematizar outros possíveis e outras vidas aos currículos da Educação Infantil.

Nesta direção nos aproximamos dos nossos interlocutores teóricos e das “crianças cartógrafas” (CORAZZA, 2013) para “desver” conceitos e pensar além do que já foi dado, não como forma de invisibilizar o conhecimento produzido e suas contribuições ao campo da discussão da infância e do currículo, mas como uma maneira “[...] de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos” (BARROS, 2015, p. 15) às problematizações.

Nos encontramos com a infância de uma pesquisa infantil e optamos em caminhar a partir de uma perspectiva filosófica que nos provoca a pensar a infância para além de uma etapa cronológica ou de fases que compreendem o desenvolvimento humano, sendo pensada como “condição da experiência” (KOHAN, 2007, p.86) e por isso “[...] não indica uma quantidade de tempo vivido, mas uma forma de se relacionar com a vida no tempo a qualquer idade” (KOHAN, 2021, p. 51).

Comungando dos pensares da infância e de seus movimentos nos aproximamos do gesto de “desver”, também, o sentido formal do currículo na Educação Infantil, por vezes atrelado a uma dimensão prescritiva e conteudista, para percebê-lo em sua multiplicidade: tempo, espaço, experiência, materiais, corpos, rotinas instauradas na diferença, sujeitos, vida, movimentos, afetos. Nesse sentido, concordamos com Lopes e Macedo (2011, p. 36) ao revelarem o quanto “a noção de currículo formal é insuficiente para dar conta da multiplicidade de experiências — internas e externas aos sujeitos, individuais e coletivos — que compõem o currículo”. Sendo necessário pensar nas brechas e “[...] vê-los como algo que pode ser desconstruído” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 41). O “desver” em Manoel de Barros (2015), nos aproxima assim, parafraseando Carvalho (2012), de uma perspectiva que pensa uma infância para os currículos da Educação Infantil e não apenas currículos para a infância.

Nesta direção, o presente texto objetiva pensar os possíveis para os currículos da Educação Infantil a partir da poética da imaginação que habita as cenas e os gestos das crianças de um CMEI do agreste pernambucano. A partir disso, cartograficamente lançamo-

nos em um movimento infantil atravessados pelo convite de Manoel de Barros (2015) sobre o “desver” que nos convocou a um gesto de abertura à infância e à discussão de currículo: Que outros possíveis a infância e as crianças nos convidam a imaginar para os currículos? Que desejos infantis operam e mobilizam “novas coisas para ver” na Educação Infantil? (BARROS, 2015, p. 13).

O convite feito pela infância, pelas crianças cartógrafas (CORAZZA, 2013) e pela poética de Barros (2015) para “desver” os currículos já postos nos atravessou e nos provocou a pensar que por mais engessados que estes currículos estejam, as linhas flexíveis e de fuga acompanham os encontros e reconfiguram os saberes, fazeres e poderes (CARVALHO, 2012) dentro do território curricular, desenhando com giz de cera e a poética da imaginação outros possíveis para os currículos pela experiência infantil.

## **PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Nosso encontro com as crianças cartógrafas, assim chamadas por Corazza (2013) porque exploram os meios, as aulas, os planejamentos e os currículos de forma extensiva e intensiva, aconteceu em um CMEI localizado no agreste pernambucano. Habitamos esse território existencial na companhia de 28 (vinte e oito) crianças, entre as faixas de 5 (cinco) e 6 (seis) anos de idade e suas 2 (duas) professoras.

Por uma inspiração cartográfica (BARROS; KASTRUP, 2015) nos movemos e abrimo-nos aos convites criados pelas crianças e permitimos que nossos corpos vibrassem através dos afetos que pediam passagem (ROLNIK, 2011) e do perguntar-se (KOHAN, 2021) que nos acompanhou em nossas andanças com as crianças dessa pesquisa.

As aberturas para os encontros consideraram o gesto de “Dar a escuta” (SKLIAR, 2019) como possibilidade de estarmos com as crianças e fazermos pesquisa com elas, acolhendo os dizeres potentes da infância que diz para além da voz, cujos sentidos convocam a uma poética de deslocamentos dos corpos infantis e das suas produções. Encontros marcados pelo acontecimento (FERRAÇO; ALVES, 2018) e por conversas, observações, brincadeiras e algumas instaurações (LAPOUJADE, 2017) criadas por invenções nossas, das crianças e das professoras. Um convite para estarmos juntos e pensarmos coisas juntos.

## **CONVITES PARA DESVER MUNDOS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Mas o pai apoiava a nossa maneira  
de desver o mundo

que era nossa maneira de sair do enfado.

(BARROS, 2015, p. 07)

No encontro com as crianças e a infância que habita o CMEI do agreste pernambucano, abrimo-nos para o desconhecido, o imprevisível, o inesperado e fomos atravessados com as forças que permeiam o corpo vibrátil e que fissuram modos estabelecidos, inaugurando novos inícios.

Sentimos com as crianças, a necessidade de “explorar o currículo como um acontecimento vivido nele mesmo” (CARVALHO, 2011, p. 78). Esse acontecimento emergia nas cenas e invenções que se apresentavam a nós como gestos convidativos da imaginação à outras composições curriculares. As crianças na potência dos seus dizeres, fazeres e aprenderes inauguravam outros olhares para os currículos, talvez como uma possibilidade “de sair do enfado” (BARROS, 2015, p.07).

*Homem-Aranha* <sup>III</sup> :- Ó tia eu vou pegar o gênio, botar embaixo do travesseiro, e ele aparecer e eu faço o pedido... o meu pedido é que eu quero um brinquedo de Patrulha Canina.

*Borboleta Alice*: Eu queria que na escola tivesse borboletas ...Um mói de borboletas. (CONVERSAÇÕES, 2019)

Em meio as conversas e a contação de histórias com “Aladim e o Gênio da Lâmpada Mágica”, as crianças nos convidaram a olhar os múltiplos currículos em composição no território da Educação Infantil e de alguma forma a resistir as inúmeras tentativas “de sua representação fixa/definitiva, indo ao encontro de sua condição de fluxo, de redes, de nomadismo, de composições e deslizamentos” (FERRAÇO, 2017, p. 535).

Outras formas de devires entraram em conexão a partir da potência imaginativa das crianças que expressaram seus desejos e transgrediram as margem das folhas A4, revelando nos desenhos o que gostariam que existisse em uma escola da Educação Infantil.

*Florzinha Bela*: - Eu desenhei uma televisão, uma menina, um monte de amiguinhas, alguns brinquedos, algumas borboletas, e um sofá pra eu ficar só deitada... assistindo na televisão, tudo de desenho.

*Onça de Flauta*: Que tivesse um castelo... uma casa e muitos brinquedos!

*Florzinha Bela: Lá na sala tem uma caixa de brinquedos, mas estão quebrados... e tia não deixa brincar todo dia. (CONVERSACÕES, 2019)*

As “cartografia dos desejos” (GUATTARI; ROLNIK, 1996) das crianças e da infância, desenhavam outros possíveis para um currículo que desliza no minoritário. Currículos poéticos repletos de “borboletas”, desterritorializados, renovados e livres, que comungam com os versos do Livro *Menino do mato* (BARROS, 2015) e sua relação com os bichos e as coisas. Currículos movidos por um gesto de amizade convidativo tal como propõe Florzinha Bela, ao falar do sofá para assistir “*tudo de desenho*”. Para “desver” os currículos “é preciso, então, devolver à escola o tempo infantil que lhe foi roubado. O tempo pelo próprio tempo, o da brincadeira séria, aquele que encontra sentido no próprio brincar” (KOHAN, 2017, p.13).

Nesse encontro com as crianças fomos desterritorializados com as “artistagens” (CORAZZA, 2013) de invencionar currículos, durante um momento de instauração com mistura de tintas, colas e imaginação para as crianças criarem um slime, a Mulher <sup>[2]</sup> *Maravilha* disse: “*Eu queria que aqui fosse uma loja de Slime... eu queria que tivesse uma loja de Slime... dando Slime de graça*”! A criança em momento de criação, sugere “desver” a escola como loja de Slime, esse gesto nos dar a pensar um currículo hospitaleiro que seria possível ao “dar espaço a essa língua, aprender essa palavra e atender esse pensamento” (KOHAN, 2007, p.131).

Nesse sentido, o convite para “desver” requer de nós, “atentar a irrupções, invasões bruscas em territórios, alteridade, experiência e pensamento infantis, pois, assim as crianças partilham o *espaçotempo* escolar, questionando toda limitação.” (ALBUQUERQUE, 2019, p.131). O gesto de “dar a escuta” aos dizeres infantis nos “remetem ao campo dos possíveis de um outro estar escola, currículo, infância e docência” (CARVALHO, 2012, p.32).

---

[1] Nome fictício escolhido pela criança.

[2] Nome fictício escolhido pela criança.

## ARTISTAGENS PARA NÃO CONCLUIR

As crianças deslizaram em linhas aiônicas, brincantes, inventivas, imaginativas, e nos lançaram um convite para “desver” as miudezas cotidianas do CMEI, convocando-nos à urgência de que suas vozes sejam escutadas e que seus movimentos de criação e composições sejam acolhidos para pensar, quem sabe, como nos convida Homem-Aranha “*com o gênio da lâmpada embaixo do travesseiro*” outros possíveis para os currículos da Educação Infantil.

Essa escrita, nesse sentido, é um convite-provocação para pensarmos currículos mais infantis que nos convoquem a urgência de aprendermos a criar desvios nos caminhos majoritariamente traçados e pensados para as crianças e aprendermos a pensar “com” elas outras possibilidades de composições curriculares: Currículos-castelos, Currículos- Slimes, Currículos-borboletas, Currículos-casas, ou mesmo Currículos-brinquedos que nos desejos de Florzinha Bela “*não se quebrem*” e cujo tempo aiônico, mobilize seu movimento cirandeiro, sem horas estipuladas, sem cronômetros, sem amarras.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fernanda Maria Santos. **Infância, experiência estética e arte na escola: (des)encontros (im)possíveis nos anos iniciais do ensino fundamental no município de Sairé.** 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, 2019.

BARROS, Manoel de. **Menino do mato.** 1º ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BARROS, Laura Pozzana., & KASTRUP, Vírgina. (2015). Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo., KASTRUP, Virgínia., & ESCOSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** (pp.52-75). Porto Alegre: Sulina.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O currículo como comunidade de afetos/afecções.** Revista Teias, v. 13, n. 27, p. 75-87, jan./abr. 2011 – CURRÍCULOS: Problematização em práticas e políticas. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/24253/17232>. Acesso em 20 mai. 2020

CARVALHO, Janete Magalhães. Potência do “olhar e da “voz” não dogmáticos dos professores na produção dos territórios curriculares no cotidiano escolar do ensino fundamental. In: CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). **Infância em territórios curriculares.** Petrópolis, RJ: DP&A, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. O que se transcria em educação? Porto-Alegre-RS: Doisa, 2013.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Currículo-docência-menor e pesquisas com os cotidianos escolares: sobre possibilidades de escapes frente aos mecanismos de controle do Estado.** Quaestio, Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 529-546, dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3152>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversas como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância – Ensaios de filosofia e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire: um menino de 100 anos.** - 1 ed. - Rio de Janeiro:

NEFI, 2021.

KOHAN, Walter Omar. Prefácio – A devolver (o tempo d) a infância à escola. In: ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos (org.). **Infância e pós-estruturalismo**. São Paulo: Porto de Ideias, 2017, p. 11-14

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Les Editions de Minuit n-1 ed. 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Editora UFRG, Porto Alegre, 2011.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das Diferenças**. Ed. Mediação. 1ª ed. 2019.